

DE “NÃO CURTO AFEMINADO NEM PRA AMIZADE” A “POR QUE TANTOS HETERONORMATIVOS?”: MASCULINIDADES E DISCURSOS DOMINANTES E TÁTICOS NAS FACHADAS DO GRINDR

FROM “I DON’T LIKE EFFEMINATE GUY EVEN TO BE MY FRIEND” TO “WHY ARE THERE SO MANY HETERONORMATIVE PEOPLE?”: MASCULINITIES AND DOMINANT/TACTICAL DISCOURSES ON THE FRONTAGES OF GRINDR

Resumo

Emergem no Grindr, aplicativo usado por homens que se relacionam com homens para fins afetivo-sexuais, diferentes discursos e modos de ser homem. Estes ora conformam ideais macrosociológicos de gênero, sexualidade e/ou masculinidade, ora apresentam caminhos táticos e microsociológicos que subvertem a lógica dominante. Ancorados metodologicamente nos conceitos de discurso de Foucault e tática de Certeau, coletamos e investigamos textos verbais das fachadas do Grindr usando técnicas de análise de conteúdo. Alinhando-nos ao objetivo de compreender em que medida os discursos do Grindr reforçam normas sobre ser homem, constatamos que há tensões discursivas e interacionais que retificam e/ou rompem com a expectativa de virilidade masculina no aplicativo, o que gera deslocamentos na noção de masculinidade hegemônica.

Palavras-chave: Grindr. Masculinidades. Discurso. Tática. Fachada.

Abstract

Emerges on Grindr, an affective-sexual app used by men who have relationship with men, different discourses and ways of being a man. Some of them conform macrosociological ideals of gender, sexuality and /or masculinity, some others apply tactical and microsociological paths that subvert dominant logic. Methodologically anchored in the concepts of Foucault’s discourse and Certeau’s tactics, we collected and investigated verbal texts on Grindr’s frontage, using content analysis techniques. Linked to the aim of this article – in which ways Grindr’s discourses reinforce norms of being a man – we found discursive and interactional tensions that rectify and/or break the expectation of masculine virility on the app, which dislocates the hegemonic masculinity notion.

Keywords: Grindr. Masculinities. Discourse. Tactic. Frontage.

Ettore S. Medeiros

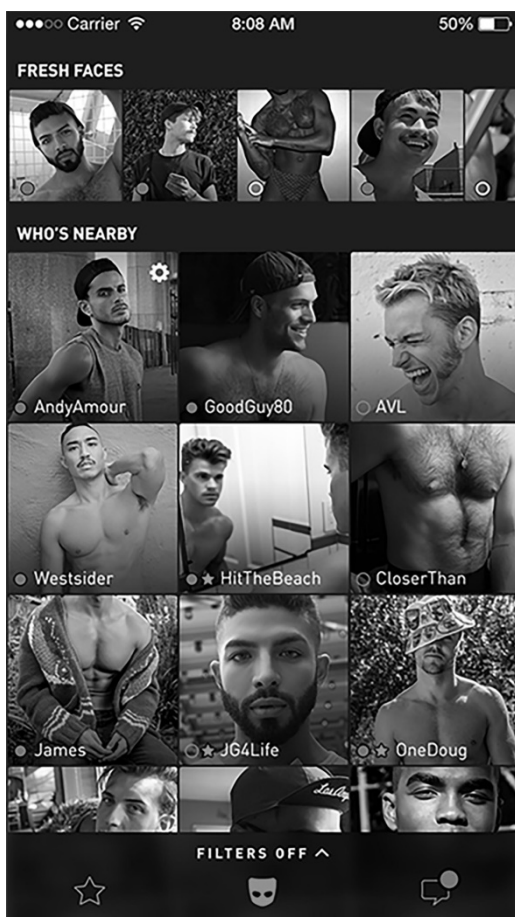
Universidade Federal de Minas Gerais. Programa de Pós-graduação em Comunicação Social.

E-mail: ettoremedeiros@gmail.com

O Grindr

O *Grindr* é um aplicativo usado para fins afetivo-sexuais que tem como principal público homens que se relacionam com homens. Instalado em dispositivos móveis, ele utiliza a tecnologia *Global Positioning System* (GPS) para localizar usuários próximos, indicando a distância que um sujeito está do outro. A finalidade é conhecer pessoas, fazer amizades ou ter encontros. Após criarem suas contas e decidirem sua descrição e foto principal (figura 1), os usuários podem observar os perfis ali dispostos, interagir uns com os outros por meio de *chat*, trocar e avaliar imagens, flertar e ver-se face a face. Nesses perfis, vistos como fachadas, diferentes discursos de masculinidades e táticas emergem como foco deste trabalho.

Figura 1: tela inicial do *Grindr*



Fonte: GRINDR, 2017

Símbolo interessante de ser analisado, o desenho da marca *Grindr* é uma máscara, o que já elucida alguns tipos de usuários que são encontrados no aplicativo.

Ali, há diversos perfis cujas fotos não mostram rostos, mas outras partes do corpo, bem como descrições que afirmam o interesse por homens discretos e sigilosos. Pelas descrições coletadas, é possível perceber que nem todos os sujeitos ali afirmam publicamente suas práticas homossexuais. O armário aparece como máscara que encobre experiências tidas como desviantes.

Discursos dominantes: imperativo biológico e dualismo de gênero

Convém, inicialmente, trazermos uma discussão sobre gênero, sexualidade e masculinidade, apresentando como tais conceitos têm se delineado socialmente, de modo que costumam discursos normativos sobre ser homem e sobre ter práticas homossexuais. Tais discursos, ancorados em uma macroestrutura, (re)produzem modos de viver tidos como adequados ao mesmo tempo em que estigmatizam orientações e experiências afetivo-sexuais não heterossexuais.

Historicamente, o imperativo biológico (Weeks, 1998) tem atribuído às genitais o sexo dos sujeitos: o pênis e os testículos definiriam que um homem é homem, bem como a vagina e os ovários, que uma mulher é uma mulher. A força desse imperativo aparece como discurso disciplinar, o qual tem se valido de métodos e saberes consagrados da ciência, o que lhe dá credibilidade e estatuto de verdade (Foucault, 1996). A esse cenário está ligado o dualismo de gênero, responsável pela união indissociável entre sexo biológico, identidade de gênero e orientação sexual: se um sujeito nasce com um pênis, por exemplo, ele seria essencialmente homem heterossexual.

Para além da sexualidade, o imperativo biológico orienta os comportamentos e qualidades dos sujeitos, de modo que sejam naturalizadas as diferenças entre homens e mulheres. Elas: passivas, sensíveis, emocionais, macias, submissas, molhadas, apropriadas ao ambiente privado; eles: ativos, fortes, racionais, duros, dominadores, secos, apropriados ao ambiente público. Mais que guiar os jeitos de ser e estar no mundo a partir da lógica do sexo biológico, o discurso dominante de gênero hierarquiza os sujeitos e reproduz relações de dominação. Falar de discurso a partir de Foucault (1996) é necessariamente tratar de poder, uma vez que a produção discursiva é controlada, pinçada e organizada a partir de lógicas que estabelecem

lugares de diferenças aos sujeitos. Pela ótica de gênero, homens heterossexuais estariam mais próximos do topo de uma escala de privilégios do que mulheres e homens homossexuais, o que ocasiona uma série de práticas de dominação e violência para com grupos socialmente minoritários¹.

Esse discurso dominante pautado pela polarização e, sobretudo, desigualdade de gênero foi e é reforçado em um processo de retroalimentação entre duas instâncias: interações sociais, em nível microssociológico, e instituições consagradas, como a igreja, o estado, a família e a escola, em nível macrossociológico. Ambas têm papel regulador, envolto por pressões e coerções que orientam autoritariamente as práticas dos sujeitos, incluindo as afetivo-sexuais. Pensar deste modo é pensar relacionalmente e situar nosso objeto empírico em uma filosofia da ação, de modo que a comunicação seja vista como uma ação combinada de reflexão que constitui nosso mundo (Queré, 1991). Deve-se levar em consideração, por outro lado, que os sistemas de produção discursiva, enquanto são responsáveis pelo controle, reprodução e circulação de discursos, também abrem espaço para a existência de sua negativa, tornando possível que atores sociais invertam sua lógica. De tal forma, o discurso está sujeito a rupturas, por meio das quais emergem contradiscursos.

Na atualidade, em nível institucional, igrejas tradicionais seguem a tratar a homossexualidade e suas práticas como pecado, enquanto igrejas inclusivas passam a realizar casamentos entre pessoas do mesmo gênero. Tenta-se criar o dia nacional da heterofobia, enquanto projetos de leis colocam em evidência a violência sofrida por lésbicas, *gays*, bissexuais, travestis e transexuais (LGBTs). Algumas bancadas esforçam-se para a aprovação do Estatuto da Família no Congresso, que define família como união entre homem e mulher, enquanto configurações familiares antagônicas à tradicional cobram seu reconhecimento frente ao Estado. Figuras políticas afirmam que o material “Escola Sem Homofobia” é um “*kit gay*”, enquanto a pauta de gênero passa a ser discutida no meio escolar. Em nível micro, um homem heterossexual fetichiza uma relação lésbica, enquanto um casal de

mulheres anda de mãos dadas na rua. Uma criança é vítima de *bullying* por ter uma família diferente da tradicional, enquanto um casal de homens consegue a adoção de uma criança. Usuários de aplicativos de relacionamento *gay* firmam que “não curtem afeminado nem para amizade”, enquanto outros pedem o fim de discursos heteronormativos na plataforma. A heteronormatividade agrupa um conjunto de normas diretas ou indiretas que perpassam o mundo social e as práticas sexuais, sempre tendo como apoio a heterossexualidade, como expressam Miskolci & Pelúcio (2008). Embora não tenhamos como colocar esses contradiscursos em pé de igualdade com os próprios discursos, há séculos tidos como naturais, tais movimentos inversos dão visibilidade ao que está fora dos ideais dominantes e propõem um questionamento.

Masculinidades, um conceito (no) plural

O uso da palavra masculinidades, no plural, vai muito além da gramática e demonstra que há diferentes significados para “ser homem” (Connell, 2003). Deixar de usar masculinidade no singular é um ato epistemológico e, inclusive, político que coloca em xeque uma noção única e naturalizada de ser homem, pautada pela virilidade e distante de qualquer traço de feminilidade (Haroche, 2013). No mesmo sentido, valendo-se da frase de Simone Beauvoir “não se nasce mulher, torna-se mulher”, Baubérot (2013) afirma que “não se nasce viril, torna-se viril”, característica da masculinidade hegemônica. Tal enunciado vai em direção à ideia de que aprendemos nosso gênero a partir dos discursos dominantes: o homem não é naturalmente agressivo, másculo e ativo, na medida em que ele se torna portador dessas características ao interagir com outros sujeitos e ao ser influenciado por uma estrutura social. Há, desde a infância, a negociação, nem sempre pouco violenta, desses papéis que são atribuídos ao sujeito na hora em que seu sexo biológico é dito. Discursivamente, como as vivências homossexuais se relacionam com a visão dominante de masculinidade?

Em uma época medieval de preceitos religiosos, em que o coito deveria ocorrer apenas para fins reprodutivos, de modo que o sexo era concebido como prática exclusiva do casal heterossexual, o discurso judaico-cristão apresentava experiências homossexuais enquanto pecadoras, as quais mereciam ser punidas.

¹ A hierarquia não está pautada apenas pelo gênero, mas é atravessada por questões de classe, etnia, corpo, entre outras, o que forma uma complexa trama de relações de poder.

Com maior participação do Estado, os corpos devem se encaixar dentro de uma lei rígida, em que as práticas dos sujeitos são confiscadas, incluindo as dos homens que se relacionam com homens, tidos como criminosos (Fone, 2000). É por meio do discurso médico-higienista e do dispositivo da sexualidade em voga na Era Vitoriana que o homossexual passa a ser um doente, cobaia científica e objeto de estudo para que seu “desvio” do dualismo de gênero pudesse ser explicado (Foucault, 1999).

O legado desses discursos ainda repercute na atualidade. Visto como desviante, o homem que se relaciona com homem teria se rebaixado na escala hierárquica social por se submeter à suposta aproximação ao feminino. Essa valorização de masculinidade dominante aparece mesmo entre as pessoas homossexuais, masculinidade machista e heteronormativa. Embora perpassada pela relação afetivo-sexual entre dois homens, ela deve ser viril, máscula, distante da feminilidade, não quebrando a divisão que afasta o que é ser homem do que é ser mulher. Um dos nossos interesses é estudar os discursos de masculinidade que circulam no *Grindr*, utilizando como fonte de reflexão os nomes e descrições dos perfis do aplicativo, ou melhor, as fachadas ali presentes.

As fachadas discursivas do *Grindr*

Ao pensarmos as descrições dos perfis enquanto fachadas, apoiamo-nos em um conceito de Goffman (2013: 14), cuja definição é: “uma imagem do eu delineada em termos de atributos sociais aprovados”. Nesse sentido, os usuários do aplicativo atuam em seus perfis a fim de causarem uma boa impressão em quem os vê: a intenção é atrair o olhar do outro e tornar o seu perfil apreciável a ponto de merecer que um diálogo seja iniciado. Logo, ao escreverem em seus perfis suas preferências sexuais e características, os atores sociais delineiam sua fachada.

Em tal operação de dar-se a ver, a construção da fachada se torna uma estratégia comunicacional, uma vez que, em meio a tantos corpos, destacar-se é uma maneira de estimular possíveis interações via chat e futuros encontros. A escolha de que palavras usar ou não, de que posicionamento assumir ou não orienta que visão o outro terá daquela fachada: cria-se uma imaginação a respeito da pessoa que tecla por trás daquele perfil. Por outro lado, a construção da fachada também elucida o que aquele sujeito

espera de outro, quais suas expectativas afetivo-sexuais, como veremos. Nessas fachadas, circulam discursos, sobretudo relacionados à masculinidade hegemônica, os quais firmam quais homens ali são mais ou menos dignos de despertar a excitação e a atração alheias. Um leque de autoconstruções abre-se no *Grindr* antes mesmo de uma interação direta, que têm como extremos opostos o sujeito sigiloso e discreto versus o homossexual afeminado e “assumido”².

Nesse contexto, entre tais fachadas, existe uma metacomunicação orientadora. Os atores sociais, por meio de instruções ou auxílios, sejam eles implícitos ou explícitos, oferecem e recebem sinais que guiam e contextualizam as interações (Bateson, 2002). Usuários que não mostram o rosto nas fotos de perfil tendem a ser “discretos”³; sujeitos que têm fotos de nádegas costumam ser sexualmente passivos; atores sociais que utilizam palavras do universo cultural LGBT, como “*close*”⁴ ou “*slay*”⁵ usualmente têm sua orientação sexual publicamente assumida. A linguagem, de tal maneira, tem um papel importante na construção social da realidade nesse aplicativo e nas práticas que vão em direção ou não ao discurso dominante de masculinidade, linguagem essa que se estabelece em uma comunicação mediada⁶. Notemos que os sujeitos já montam seus perfis a partir de possíveis respostas dos demais, seguindo modelos de fachada já presentes na dinâmica comunicacional do aplicativo.

2 No meio não heterossexual, ser assumido significa ter a orientação sexual publicamente manifesta.

3 A palavra “discreto” designa, nas interações levadas a fio nesse aplicativo, um sujeito que não tem a sua orientação sexual socialmente assumida ou que se orienta por um modo comportamental hegemonicamente masculino.

4 Dar close é uma gíria que significa dar pinta, aparecer, demonstrar ser *gay*.

5 Gíria em língua inglesa que significa arrasar.

6 Embora estejamos considerando a fachada de Goffman (2011; 2013), há algumas reflexões a serem feitas, na medida em que o autor pensa o conceito a partir de interações face a face. No caso do *Grindr*, em que há a mediação tecnológica, novas dinâmicas podem ser pensadas, sobretudo porque rostos e reais identidades não necessitam aparecer no aplicativo. Há usuários que não colocam fotos, há outros que se dizem discretos e preferem não assumir quem são, o que faz com que as fachadas ali presentes possam apresentar opiniões e posicionamentos que, face a face, pareceriam politicamente incorretos. O jogo de anonimato do *Grindr* possibilita que discursos mais “sinceros” e sem pudores circulem, já que a chance de ter sua fachada envergonhada na plataforma parece ser menor: expressar formas do querer ocultas ou opiniões controversas não precisa ocorrer somente na região dos bastidores.

Operadores analíticos: entre discursos dominantes e táticos

Percebemos que, no *Grindr*, há fachadas que negociam ou subvertem o discurso dominante de masculinidade, como a apropriação de linguagens tidas como femininas, por exemplo. Isso gerou em nós uma dúvida: seria possível que trouxéssemos para este trabalho Goffman e Foucault sem os colocarmos em diálogo com um pensador que trata de maneira mais evidente sobre lugares de resistência? Na própria definição de fachada goffmiana que citamos aqui, o autor fala em “termos de atributos sociais aprovados”, como se os sujeitos, durante a construção de sua fachada, estivessem mais preocupados em seguir normas sociais do que em resignificá-las ou rompê-las. O sujeito goffminiano, nesse sentido, parece muito focado em regramento e preocupado na sua aceitação por parte do outro, o que poderíamos associar à produção de discursos dominantes. Comparando Goffman e Foucault, este demonstra pensar, sim, em discursos que não são hegemônicos, inclusive trazendo o termo contradiscursos para caracterizá-los (Foucault, 1999). No entanto, os discursos de verdade parecem, para nós, cercar os sujeitos de uma forma tão arrojada que seria difícil causar um rompimento significativo. Por essa razão, trouxemos o conceito de tática de Certeau (1990), com o qual podemos refletir sobre os perfis que se afastam da lógica hegemônica.

[...] Certeau propõe, seguindo a lição marxista, que a relação entre produtores e consumidores de sentido não é igualitária: aqueles que dizem, escrevem, põem no mercado ou fazem ler, têm um poder sobre aqueles que consomem, sejam leitores lúdicos ou escolares, o poder de impor sentido e as formas que o veiculam. Mas essa relação sempre foi conflituosa [...]. Os proprietários instauram estratégias, ações de controle do espaço que criam armadilhas para os dominados – é preciso passar por suas terras, isto é, por suas ideologias –, enquanto os braconniers usam táticas, atos fugazes de resistência [...] (Maigret, 2010: 211).

Pensemos que, neste trabalho, os produtores compõem uma gama de instituições que (re)produzem discursos hegemônicos sobre ser homem, como igreja,

família, escola e estados. Tais instituições, ainda que não tenham posicionamentos intra e interconvergentes, orientam práticas dominantes de masculinidade de maneira estrutural. O cenário macro existe, mas ele não é gerador por si só de discursos normativos, pois, em um processo de retroalimentação, estrutura e interações, em nível macro e microsociológico, respectivamente, permitem que tais ideais sejam experienciados, enaltecidos e/ou negociados.

A partir de Certeau, questionamos o poder institucional estratégico que valoriza um tipo de discurso sobre masculinidade, de modo que há táticas que escapam ao seu controle e o renovam, o que poderíamos associar, em certa medida, aos contradiscursos de Foucault, ainda que este pensador pareça ser menos otimista que o primeiro quando retratamos a força da resistência dos sujeitos. No *Grindr*, é possível observar fachadas que seguem a lógica normativa, que são formadas na mesma direção da estratégia institucional: apoiam-se no discurso heteronormativo de que homem deve ser masculino, sem afetações, discreto. Por outro lado, outras fachadas operam em nível tático e solapam o discurso dominante.

Para termos uma compreensão empírica do fenômeno, coletamos 100 perfis do *Grindr*, número escolhido por ser este o de perfis que o aplicativo permite que um usuário visualize em sua versão gratuita. A coleta foi realizada na Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), campus Pampulha-Belo Horizonte, onde circula uma grande quantidade de jovens, principais usuários do aplicativo. Como a concentração não é observada em outros pontos da cidade, acreditamos que a UFMG possibilita mais encontros, uma vez que aglomera sujeitos de diferentes localidades em um raio pequeno de proximidade.

A técnica de pesquisa que utilizamos é análise de conteúdo de Bardin (2009), abordagem que transita entre o quantitativo e qualitativo. Por meio de informações objetivas encontradas nas descrições dos perfis, inferências foram formuladas. Efetuamos um recorte semântico, coletamos signos verbais que se ligam ao estudo e pensamos categoricamente os discursos ali encontrados. Nosso olhar metodológico sobre a coleta se dá a partir das perspectivas de discurso de Foucault e de tática de Certeau, as quais já foram abordadas no decorrer do trabalho. A contribuição dos autores para esta investigação liga-se à conformação ou subversão de discursos dominantes de masculinidade encontradas e tensionadas no *Grindr*.

O estudo das fachadas: a polarização entre o macho e o afeminado

As duas palavras que aparecem com maior frequência nas fachadas do *Grindr* são “discreto” e “afeminado”. A primeira foi encontrada 21 vezes, sendo que 18 delas conformam um discurso normativo, em que há busca e identificação por/com homens “discretos”. [*Rola de boa desde que o cara seja discreto e sigiloso*]; [*Discreto em busca do mesmo tipo*]; [*Tem que ser discreto*] são exemplos de enunciados que reforçam a heteronormatividade no de homens que se relacionam com homens: é aceitável ter práticas *gays*, desde que não se pareça um. Desaprovação e formas de querer recaem no dualismo de gênero, de modo que a experiência sexual desviante não se torna um problema para os próprios usuários do aplicativo. Basta seguir certa “etiqueta heterossexual”, a qual não tem aproximações com a feminilidade. O homem, seguindo o discurso de verdade de masculinidade, deve ser [*másculo*] e [*marrento*], ele é e curte [*macho*], procura [*cara com jeito de homem*], expressões coletadas que são atribuidoras de virilidade ao modo de ser homem.

Ainda tratando da palavra “discreto”, há uma rede semântica com outras expressões que orientam significados semelhantes. “Sigilo”, “sigiloso”, “fora do meio” e “discrição” aparecem 10 vezes nos perfis, das quais 7 ligam-se à masculinidade hegemônica. [*Curto fuder caras passivos discretos no sigilo*]; [*Completamente fora do meio, sabe aquele cara que ninguém desconfia, pois é, sou assim*]; [*Simples que gosta de curtir com discrição total*] são enunciados que colocam a vivência da homossexualidade no âmbito privado; logo, publicamente, não se desconfiaria da prática *gay* sexual dos sujeitos, ainda vista como tabu na atualidade.

Fazendo referência às expressões “cara com jeito de homem” e “macho”, citadas acima, refletimos: o que seria ser um cara com jeito de homem ou um macho? Levando em conta que a segunda palavra mais recorrente nos perfis é “afeminado”, que aparece 9 vezes, 8 delas a partir de um discurso normativo de masculinidade, jeito de homem e afeminado parecem ser seus antônimos.

7 Cada descrição ou parte de descrição referenciada estará em itálico e será cercada por colchetes a fim de mostrar onde começa e termina. Além disso, preservamos os textos verbais exatamente como eles estão dispostos nos perfis, não corrigindo erros gramaticais.

Os perfis que expressam [*sou e curto macho*] sugerem analogia, a partir da negação, aos que afirmam [*sou não nem curto afeminados*]. O homem afeminado é aquele que ousa cruzar as fronteiras de gênero, transitando em diferentes proporções entre o feminino e o masculino, o que também configura uma maneira de vivenciar uma das tantas masculinidades que existem. A ruptura de tal discurso demonstra não ser bem aceita em algumas fachadas: [*não curto afeminados nem para amizade*]; [*Não sou e não curto afeminado! Nada contra, mas o avião não decola*]; [*Não sou afeminado, e não curto afeminado de forma alguma. Aqui 90 por cento é afeminado, favor só chame o restante dessa estatística. Respeito a todos, essa é minha opinião, só estou expressando aqui o q curto*].

“Nem para amizade”, “o avião não decola” e “de forma alguma” reforçam o impacto que a estratégia macrosociológica de masculinidade tem sobre o nível microsociológico ao estabelecer o não reconhecimento de homens afeminados, que se tornam corpos indesejáveis social e sexualmente. Vemos, nesses exemplos, os atravessamentos entre estrutura e interação. É como se os atores de discursos dominantes esperassem que todos os demais sujeitos presentes no aplicativo tivessem uma mesma fachada ou, pelo menos, uma fachada que não funcionasse como um contradiscurso. Quando um sujeito afirma que “Aqui 90 por cento é afeminado, favor só chame o restante dessa estatística”, podemos interpretar que a fachada de outros atores, o que ele chama de “90 por cento”, não é condizente com a comunicação esperada. É como se, de certo modo, houvesse a quebra de metacomunicação entre os usuários do *Grindr*, já que algumas regras e orientações comunicativas fossem vistas como desrespeitadas. Por essa lógica, seria aceitável ter práticas *gays*, o que não ocorreria com um modo de ser afeminado. A manutenção de fachada discreta para alguns usuários do aplicativo parece ser cobrada de si e dos demais, de forma que o grupo todo não passe vergonha (Goffman, 2011) pelo fato de alguns quebrarem o dualismo de gênero.

Quando usuários usam o termo “afeminado” e assumem a sua existência, o discurso passa por rupturas. Ainda que em menor número, sujeitos ressignificam as noções ligadas à masculinidade hegemônica e fazem emergir novas masculinidades, reivindicadas como resposta às fachadas viris e heteronormativas. É o caso de [*Não me importo se você é afeminado, discreto, no sigilo*],

no meio etc, existem coisas mais importantes]; [Discreto no app, dyvah na rua! Estamos de olho]; [Sabe onde você coloca sua descrição?!]. As mesmas expressões vistas nas fachadas citadas anteriormente, como “afeminado”, “discreto”, “sigilo” e “discrição”, são usadas taticamente para surtirem o efeito contrário do discurso dominante.

Aqui podemos frisar o caráter comunicacional que existe nos perfis: eles são criados pelos usuários do *Grindr* a partir das possíveis reações dos demais sujeitos. É nesse sentido que consideramos o aplicativo como um espaço de disputa, em que noções de masculinidades se chocam, mesmo que os usuários não dialoguem entre si necessariamente. Nesta descrição, [Só não seja heteronormativo; por que tantos heteronormativos? Por incrível que possa parecer somos todos gay/bi e não deveríamos ter vergonha], o sujeito demonstra discordar de fachadas que propõem a “etiqueta heterossexual” aos homens que se conectam ao aplicativo. Por meio da ironia em “por incrível que possa parecer”, a descrição abre espaço para que a identidade não heterossexual seja reconhecida, o que se configura como uma tática.

A relação entre fachadas não é tão polarizada: os sujeitos reenquadram, socializam e vivenciam masculinidades constantemente. [Discreto e assumido. N curto homofóbicos !] é uma descrição que concentra esta negociação: embora o sujeito seja assumido e não esteja de acordo com a homofobia, ele utiliza a palavra “discreto” para se descrever, mesma palavra que retifica a masculinidade hegemônica em outros perfis analisados. Talvez seja a maneira que ele encontrou para dizer que ele não é afeminado, o que não simboliza que ele compactue com discursos que desmerecem a afeminação. As rupturas discursivas parecem se dar, pois, em várias direções.

Considerações finais

A partir dos estudos dos discursos de masculinidade e táticas observadas no *Grindr*, percebemos que fachadas no aplicativo retomam discursos dominantes de masculinidade, que influenciam as maneiras de ser homem. Há fachadas que seguem a lógica estratégica heteronormativa e defendem, em nível interacional, que homens devem ser viris, ativos, distantes de características femininas. Ao mesmo tempo em que tais discursos se expandem, elas se rompem,

sendo possível o questionamento normativo, que ocorre em nível tático. Os usuários do *Grindr* que dizem ser contra a heteronormatividade e assumem sua feminilidade colocam o discurso de masculinidade hegemônica em xeque ou negociação.

Pensando quantitativamente, as fachadas não normativas ou negociadas a que tivemos acesso por meio de nossa amostra não são tão significativas quanto as demais, mas seu caráter astuto existe e tem o papel de reivindicar microssociologicamente uma readequação no nível estratégico. Tais rupturas são políticas e críticas, trazendo à tona a ideia de que, enquanto homens que se relacionam com homens, todos os sujeitos ali estão, de alguma maneira, vivenciando práticas afetivo-sexuais que vão em direção oposta ao discurso heteronormativo. Neste espaço de deslocamentos, a máscara do *Grindr* passa por rachaduras e mostra, ao menos parcialmente, a face de masculinidades subordinadas.

Referências bibliográficas

- BATESON, George. Uma teoria sobre brincadeira e fantasia. In: RIBEIRO, Branca & GARCEZ, Pedro. (Orgs.). *Sociolinguística Interacional*. São Paulo: Edições Loyola, 2002, p. 85-105.
- BAUBÉROT, Arnaud. Não se nasce viril, torna-se viril. In: COURTINE, COURTINE, Jean-François (Org.). *História da virilidade: a virilidade em crise?* Petrópolis: Editora Vozes, 2013, p. 189-220.
- CERTEAU, Michel. *A invenção do cotidiano*. Petrópolis: Vozes, 1990
- CONNELL, R. *Masculinidades*. México: Universidad Nacional Autónoma de México, 2003.
- FONE, Byrne. *Homofobia: uma historia*. México: Editorial Océano de Mexico, 2000.
- FOUCAULT, Michel. *A história da sexualidade: a vontade de saber*. Rio de Janeiro: Graal, 1999.
- _____. *A ordem do discurso*. São Paulo: Edições Loyola, 1996.

GOFFMAN, Erving. *A representação do eu na vida cotidiana*. Petrópolis: Vozes, 2013.

_____. *Ritual de interação: ensaios sobre o comportamento face a face*. Petrópolis: Vozes, 2011.

GRINDR. *Grindr fact sheet 2017*. Disponível em: <https://www.grindr.com/press/>. Acesso em mai. 2017.

HAROCHE, Claude. Antropologias da virilidade: o medo da impotência. In: COURTINE, Jean-François et al (Org.). *História da virilidade: a virilidade em crise?* Petrópolis: Editora Vozes, 2013, p. 15-34.

MAIGRET, Éric. *Sociologia da comunicação e das mídias*. São Paulo: Senac São Paulo, 2010.

MISKOLCI, Richard & PELÚCIO, Larissa. Prefácio. In: PERLONGHER, Nestor. *O negócio do michê: a prostituição viril em São Paulo*. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2008.

QUERÉ, Louis. D'un modèle épistemologique de la communication à un modèle praxéologique. *RÉSEAUX* n. 46/47, mar-abril 1991.

WEEKS, Jeffrey. *Sexualidad*. México: Paidós-UnaM-PUEG, 1998.

Recebido em: 07/07/2017.

Aceito: 27/07/2017.